

TEATRO

Palco dos paradoxos

Peças intimistas e grandes espetáculos dividem a atenção do público e da crítica no Festival de Curitiba, que prossegue até o domingo. Os grupos alternativos brigam por um lugar ao sol no Espaço Fringe

FÁBIO FREIRE
Enviado a Curitiba

Um grande festival se faz a partir da diversidade da oferta de atrações em cartaz. Nesse sentido, o Festival de Curitiba sai na frente da concorrência. São cerca de 400 espetáculos à disposição do público. Na Mostra 2010, as monta-

gens mais concorridas chamam a atenção pelo nome de grandes diretores (Bia Lessa, Aderbal Freire-Filho, José Possi Neto) e atores conhecidos do espectador médio pelos trabalhos na televisão (Renata Sorrah, Christiane Torloni).

Em palcos alternativos, na Mostra Fringe, mais de 350 peças brigam por um lugar ao sol e por uma fatia de público. Na maioria dos casos, sem uma

curadoria específica, ir ver algo no Fringe é um verdadeiro tiro no escuro: peças sem qualidade, espaços ou horários inadequados ou mesmo a falta de público (na última terça, a peça do grupo cearense Cabauêba de Teatro, com Lucas Sancho, "Dias de Setembro", foi apresentada para quatro pessoas) para tanta coisa marcam a mostra alternativa. Nesse caso, o que mais vale é quantidade por si só.

Enquanto isso, na mostra principal, o exagero e o intimismo convivem quase harmoniosamente. De um lado, um texto mais contido como "Nosso Estranho Amor", do grupo mineiro Prequaria Cia. De Teatro vai se inspirar livremente em novelas ("O Expulso", "O Fim", "O Calmante" e "Primeiro Amor") de Samuel Beckett, um dos principais autores teatrais do século XX. Encenado no Teatro Paiol,

nho entre intimismo, delicadeza e poesia.

Esquizofrenia pura

Por outro lado, em um movimento totalmente inverso, "Exotique", do Novo Circo de Pelotas (RS), busca a grandiosidade. A começar pelo palco que abriga o espetáculo, a onipotente Ópera de Arame. Menos teatro e mais circo, menos conteúdo e mais espetáculo, menos emoção e mais sensação, "Exotique" é muito barulho por nada. Trilha sonora em último volume e iluminação que vai do breu ao flúor, passando pelas luzes estroboscópicas, misturam-se com figurinos históricos e uma direção de arte um tanto pobre.

Em meio a overdose de som e luzes, malabares, contorcionistas e um suposto clown se dividem em cena, atirando para todos os lados, sem acertar nenhum alvo. Como um Cirque Du Soleil de fundo de quintal, "Exotique" é esquizofrenia pura.

Quer agradar crianças e adultos, mas só apetece àqueles que se deixam levar pela mo-

vimentação hiperbólica dos 14 artistas que correm e pulam de lá para cá no palco sem muito sentido.

Com muito a mostrar, mas nada a dizer, "Exotique" ou cai no óbvio (palhaço pregando peça em dois sujeitos da plateia), apela para o clichê (a relação entre o palhaço e uma criança) ou simplesmente se sustenta pelos efeitos sensoriais criados pela música (que vai de James Brown, Madonna e música eletrônica, quase como uma rave no inferno) e pelas luzes gritantes.

Para o bem ou para o mal, tentando agradar a todos, o Festival de Curitiba se divide entre peças com algo realmente a dizer e espetáculos que estão ali apenas para tentar atrair um público mais amplo, seja apelando para a arte circense ou fazendo uso de rostos globais. Se o que vale é a intenção, o Festival de Curitiba tem cumprido sua proposta de ser o maior do País. ■

* O repórter viajou a convite do evento.

espaço charmoso e pequeno em formato arena, o que aproxima o público da encenação, dois atores dividem o palco com um banco de praça, um guarda-roupa e vários pares de sapato para discutir a impossibilidade de se conviver com as diferenças. Ele e ela se conhecem, se amam e se distanciam ao som de canções de Caetano Veloso, cantadas pela atriz (Fabiana Loyola).

Simples e com poucos recursos em cena, cabe aos dois atores (Fabiana e João Valadares) capturarem a atenção da plateia e segurarem um texto que, às vezes, não diz muito a que veio. De condução lenta e movimentação dos atores um tanto cambaleante, a peça dirigida por Cláudio Dias fica no meio do cami-

no entre intimismo, delicadeza e poesia.

Quer agradar crianças e adultos, mas só apetece àqueles que se deixam levar pela mo-



Q NOSSO ESTRANHO AMOR e Exotique: de Samuel Beckett ao exagero e esquizofrenia circense FOTO EMI HOSHI